

## SÍNTESE POLÍTICA

### AS ELEIÇÕES DE 7 DE OUTUBRO

*Uma análise das eleições de outubro, em escala nacional, conduz a importantes revelações. Configura-se uma situação de equilíbrio de forças, no qual nenhuma tendência — conservadora, centrista ou socializante — pode pretender uma predominância decisiva. Aglutinou-se o potencial eleitoral em torno das legendas dos grandes partidos, o que pode significar o declínio definitivo da excessiva dispersão partidária. Resultados paradoxalmente contrastantes, dentro da mesma região, demonstram que as eleições não são de modo algum explicáveis por um processo de radicalização ideológica.*

**O**S RESULTADOS globais das eleições federais e estaduais de outubro revelam um equilíbrio de forças. Nem as esquerdas, nem as posições que lhes são opostas podem reivindicar uma vitória decisiva.

Nas eleições para governador, a UDN obteve o maior número de vitórias, tendo conquistado cinco novos Estados, em coalisão com outros partidos, e perdido dois. Em compensação, sua posição na Câmara Federal caiu para o terceiro lugar, abaixo do PTB. Este conseguiu fazer quatro governadores e perdeu um, enquanto o PSD perdeu dois e ganhou um.

Entretanto, a vitória conseguida pela UDN, elegendo cinco novos governadores, é problemática, porque, destes cinco, dois estão programática e politicamente mais vinculados ao PTB do que à UDN: os governadores de Sergipe e Bahia.

As vantagens do PTB nas eleições da Guanabara e na governança do Estado do Rio, Amazonas e Acre, bem como sua vitória na governança de Pernambuco, numericamente pouco expressiva, são compensadas pelas vitórias das forças não socialistas nas governanças dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, Espi-

## SINTESE POLITICA

rito Santo e Piauí. Configura-se um novo triângulo de forças socialistas entre os Estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e Goiás, cujo governador é apenas nominalmente pessedista.

A vitória das tendências socialistas no Amazonas e no Acre devida, em grande parte, às condições de suas populações, tem uma significação ainda bastante periférica. Se JÂNIO QUADROS tivesse vencido, ter-se-ia formado, talvez, um novo eixo socialista, São Paulo-Pernambuco, que colocaria as esquerdas numa posição-chave no período crucial das eleições para a sucessão presidencial de 1965. Em vez disto, os resultados das eleições favoreceu a possibilidade de uma articulação anti-socialista dos governadores da Guanabara, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Existe já, entretanto, uma coligação, à procura de posição mais centrada, sob a liderança do Governador MAGALHÃES PINTO. Envolve os Estados do Rio Grande do Norte e do Paraná, e, com os resultados das últimas eleições, poderá contar com o apoio dos novos governadores da Bahia, Espírito Santo, Sergipe, Piauí e Ceará. Assim, o bloco mineiro reforçou-se consideravelmente. Este fato, associado ao fortalecimento da UDN nas eleições do Estado de Minas Gerais, faz do Governador MAGALHÃES PINTO um competidor provável para o pleito presidencial de 1965. As derrotas indiretas de CARVALHO PINTO, em São Paulo, e de LACERDA, na Guanabara, alargam as probabilidades do governador mineiro.

Ainda é muito cedo para esquematisar as esferas de influência

que atuarão no pleito de 1965. Contudo, sobre a base das últimas eleições, tudo parece indicar que as forças eleitorais serão polarizadas em torno de KUBITSCHIEK e MAGALHÃES PINTO. O enfraquecimento das posições do PSD nas eleições para governadores não atinge diretamente as chances de KUBITSCHIEK, cuja projeção hoje transcende os quadros partidários. O PSD, aliás, continua ainda como partido *leader*, no tocante ao voto popular para as eleições federais, conquanto se tenha debilitado no nível das eleições estaduais.

O Governador de Pernambuco, que pode ter também os olhos voltados para as eleições presidenciais de 1965, não tem ainda possibilidades de mobilização do PTB numa escala nacional. A vitória de ARRAES não resultou tanto de uma radicalização ideológica, quanto das suas habilidades administrativas e aguda consciência social. Seus pronunciamentos mais comedidos contrastam com a intemperança dos extremistas e certamente o favoreceram eleitoralmente. FRANCISCO JULIANO, confessadamente marxista-leninista e pró-Cuba, obteve um total insignificante de votos que o colocou entre os últimos da lista de deputados eleitos.

### AS ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR EM SÃO PAULO

A derrota de JÂNIO QUADROS foi a expressão de um veto popular contra o homem que se constituiu em símbolo de uma política interna e internacional marcada por gestos teatrais, espetaculares e atrevidos, pouco propícia à tranquilidade política tão

necessária ao neocapitalismo do qual São Paulo se tornou o baluarte.

Com esta derrota, as esquerdas se viram privadas, ao menos por algum tempo, da possibilidade de utilizar a única personalidade no Brasil dotada de um potencial carismático. A derrota de José BONIFÁCIO não pode ser interpretada como uma censura ao patrocinador desta candidatura, o Governador CARVALHO PINTO. Significou principalmente uma repulsa popular realística de um candidato inexpressivo e com poucas chances para competir com JÂNIO QUADROS. Entretanto, as eleições de São Paulo afetaram seriamente o prestígio de CARVALHO PINTO, e tornaram-lhe muito mais difícil o acesso à presidência da República, em 1965.

Quem se pode congratular com os resultados do pleito é, certamente, KUBITSCHER, cujos pronunciamentos políticos revelaram perfeita sintonia com a vontade popular, o que demonstra nêlo apreciável sensibilidade política. O apoio tardio que deu à candidatura de ADHEMAR DE BARROS terá também contribuído para decidir um número talvez apreciável de eleitores hesitantes.

As eleições em São Paulo não só preveniram a formação de um poderoso bloco de governadores de tendência socialista, mas revelaram também as potencialidades dos eventuais competidores para o pleito de 1965. Apoiando ADHEMAR, KUBITSCHER talvez se tenha descartado de dois rivais para 1965, a saber, JÂNIO QUADROS e CARVALHO PINTO, mas talvez tenha criado um novo rival. ADHE-

MAR não se conformará facilmente com ser o grande lançador de KUBITSCHER em 1965. Provavelmente utilizará o trampolim da governança do Estado, para lançar-se à presidência da República. Durante a campanha eleitoral, em seus comícios e discursos, a velha estrêla da nova constelação política brasileira fêz pronunciamentos inequívocos de clara adesão a um credo neocapitalista, de posição anticomunista, e de resoluta e insistente condenação da política externa relativa aos Estados Unidos e ao Ocidente, inaugurada por JÂNIO QUADROS e SAN TIAGO DANTAS. Tais atitudes, consideradas pelos intelectuais de esquerda como conducentes fatalmente ao suicídio político, despertaram simpatia no eleitorado paulista.

Isto não significa, porém, que as posições políticas de ADHEMAR correspondam ao sentimento comum dominante em tôda nação. Na Guanabara, os arautos das idéias opostas saíram vitoriosos tanto na vice-governança, como no plano das eleições federais.

#### AS ELEIÇÕES NA GUANABARA E NO RIO GRANDE DO SUL

O brilho da vitória de BRIZOLA na Guanabara foi parcialmente eclipsado pela derrota em seu próprio Estado, onde seus candidatos, tanto para o Senado como para o Governo estadual, foram vencidos. Demonstrou-se que o apoio de BRIZOLA no seu Estado valeu por um beijo da morte a seus candidatos, apesar da tradicional força política do PTB no Rio Grande do Sul. O fracasso

idêntico de LACERDA no plano federal, em relação a seus candidatos, leva a crer que hoje poucos governadores no Brasil são profetas em sua terra.

As dificuldades criadas pela inflação galopante parece terem seduzido alguns governadores a assumir atitudes extremistas, sempre que temperamentalmente se sentiam predispostos a isto. Assim, BRIZOLA procurou fazer dos Estados Unidos o bode expiatório da situação no Rio Grande do Sul e no Brasil, repetindo contra eles os ataques mais violentos. Tal manobra eleitoral foi indiretamente reprovada pela eleitorado gaúcho. O bode expiatório de LACERDA foi o governo federal, o que também não foi referendado pelos eleitores da Guanabara. A falta de arroz e feijão no Estado, antes das eleições, e a ameaça de intervenção federal foram sinais de uma guerra surda ou de um bloqueio em que adversários do governador carioca procuraram envolvê-lo. Isto incitou LACERDA a intensificar sua campanha privada contra altas personalidades do Governo Federal. A atitude não pareceu sintonizar com o gênio do carioca, mais inclinado às formas de compromisso. O resultado foi que o eleitorado da Guanabara elegeu maior número de socialistas do que se poderia razoavelmente esperar. Votou em BRIZOLA, não por motivos ideológicos, mas visando a neutralizar a tensão entre LACERDA e o governo federal. O homem do povo sentia que essa tensão era prejudicial a seus interesses. Na sua opinião, LACERDA dificilmente poderia resolver o problema do abastecimento, de vez

que era *persona non grata* ao Governo Federal, único a dispor de meios para uma solução adequada do problema.

Uma indicação de que a vitória de BRIZOLA não foi uma vitória ideológica reside no fato que, para a deputação federal, outros candidatos da mesma orientação obtiveram uma votação inexpressiva, enquanto que, para a deputação estadual, o candidato mais votado foi DANILLO NUNES, cuja plataforma era exclusiva e violentamente anticomunista. Nem se pode esquecer o fato de que medidas administrativas tomadas antes das eleições, e desfavoráveis eleitoralmente ao governo da Guanabara, foram hábilmente exploradas pelos seus adversários. Tal é o caso do aumento dos impostos predial, de água e de esgoto, e a redução dos vencimentos do funcionalismo.

O Rio Grande do Sul tinha outros problemas e teve outros resultados eleitorais. Ali, a pregação subversiva de BRIZOLA acusou um efeito contraproducente no eleitorado e fortaleceu as forças centristas. O eleitorado aparentemente sentia que a era da experimentação e inovação iniciada pela administração BRIZOLA não deveria continuar, mesmo com fórmulas diferentes. Assim, recusou-se a escolher FERRARI para Governador, considerando-o sem experiência administrativa para os negócios de Estado. O eleitorado gaúcho preferiu o seu ex-governador MENEGETTI, cuja gestão anterior oferecia uma garantia de maior estabilidade e de menor agitação ideológica para o Estado.

Os resultados da eleição para governador do Rio Grande do Sul

representaram uma derrota indireta do Presidente GOULART, que não teve habilidade bastante para não se comprometer com BRIZOLA. Em compensação, GOULART pôde capitalizar a seu favor a vitória de BRIZOLA na Guanabara. Fortaleceu também sua posição na Bahia, onde a eleição de LOMANTO JUNIOR, conquanto obtida em coalizão com a UDN, foi antes uma vitória do PTB, para o qual tendem as inclinações políticas do eleito.

#### ELEIÇÕES PARA O SENADO

As eleições para a renovação de dois terços da câmara alta mantiveram a predominância do PSD, e deram novo relêvo político ao senador eleito por São Paulo, AURO MOURA ANDRADE, que obteve o mais alto sufrágio popular superando um milhão de votos.

O PTB saiu lucrando nas eleições para o Senado, conquanto no Rio Grande do Sul as duas senatórias fôssem conquistadas pelos conservadores. O novo Senado manterá ainda sua composição predominantemente centrista; aliás, a extrema esquerda nunca teve grandes esperanças de obter a liderança do Senado. Entretanto, como os parlamentares podem abandonar a legenda pela qual foram eleitos, a atual representação nas duas câmaras poderá diferir daquela que emerge das últimas eleições.

#### ELEIÇÕES PARA A CÂMARA

O objetivo das esquerdas, visando a eleger um Congresso "nacionalista", não foi alcançado. O

PSD ainda continua sendo o partido majoritário na Câmara eleita em outubro. O PTB passou de terceiro para segundo colocado, deixando a UDN em terceiro lugar. O total de deputados de tendências de extrema esquerda, eleitos nas várias legendas, não excede os 10% dos 409 membros do Congresso. Com exceção de BRIZOLA, os votos obtidos pelos candidatos extremistas foram bastante inexpressivos. Alguns deles apenas conseguiram eleger-se suplentes, só podendo atuar no Congresso como substitutos eventuais dos membros efetivos.

Desde que o número de representantes à Câmara foi elevado de 327 para 409, nenhum dos três grandes partidos teve sua representação diminuída em números absolutos, se a compararmos com a do atual Congresso. Nenhum dos três grandes partidos poderá, em combinação com os pequenos, obter a maioria no Congresso, por terem sido aqueles últimos os vencidos nas eleições de outubro. Somente uma coalizão PSD-PTB ou uma coalizão PSD-UDN poderá dominar o Congresso.

O espetáculo que oferecem os partidos pequenos pode ser considerado como um fenômeno interessante, ao mesmo tempo que o fracasso do novo partido MTR (Movimento Trabalhista Renovador) sugere que, finalmente, o eleitor parece entediado com o grande número de partidos existentes e não deseja prestigiar os mais recentes. Mesmo no Rio Grande do Sul, onde foi criado, o novo partido não conseguiu eleger mais de um deputado. Este fato deve servir de advertência a políticos que ain-

da desejem aventurar-se na fundação de novos partidos.

O resultado das eleições para o Congresso leva a duas conclusões: 1. a extrema esquerda apresenta pequena base popular e 2. alguns dos partidos pequenos deveriam desaparecer. As eleições de 1962 não deram vantagens decisivas a nenhum dos três grandes partidos, tornando-se assim condição essencial para um governo estável a coalizão de dois deles. O PTB melhorou sua posição, porém não o suficiente para dominar o governo. O Presidente GOULART, se desejar uma base firme para sua administração, deverá procurar também o apoio do PSD e ajustar seu estilo de governo a algumas exigências do partido, levando-se em conta ser ainda o PSD o mais forte no cenário federal. A derrota do Deputado José JOFILLY, que abandonou o partido para se filiar ao PSB, é um exemplo da força que o PSD ainda desfruta nos Estados de grandes áreas rurais.

No Nordeste, lamentavelmente, ainda se registra certa desonestidade eleitoral. O resultado final das eleições era ainda desconhecido em fins de novembro, em vir-

tude da demora na contagem de votos em alguns Estados. Deve-se esta demora mais ao interesse de falsear os resultados finais, do que a obstáculos de ordem técnica. Quanto mais tempo fôr passando, menores serão as possibilidades de fiscalização rigorosa e maiores serão as oportunidades para a alteração de resultados. Do Pará e Maranhão, entre outros Estados, chegam notícias de irregularidades ocorridas com as urnas e adulteração dos votos em branco.

Apesar de tudo, na maioria dos Estados, as eleições corresponderam à real escolha dos eleitores, que deram a impressão de não estar ideologicamente pressionados. Prevaleceu o voto contra o extremismo e contra uma esquerda radical articulada, verificando-se algumas exceções nos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Pernambuco. Mas, como um todo, o Brasil demonstrou, mais uma vez, seu senso de equilíbrio: elegeu candidatos da esquerda em alguns Estados e os derrotou em outros. Aliás, em alguns Estados, observaram-se verdadeiras contradições dos eleitores quanto às suas preferências federais e estaduais.